

GEORGE PACKER

# Desagregação

*Por dentro de uma nova América*

*Tradução*

Pedro Maia Soares

Copyright © 2013 by George Packer  
Algumas partes desta obra foram publicadas originalmente, em diferentes  
formas, na revista *The New Yorker*.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

The Unwinding: An Inner History of the New America

*Capa*

Alceu Chiesorin Nunes

*Foto de capa*

© Eggleston Artistic Trust. Cortesia de Cheim & Read, Nova York.

Reprodução permitida. Todos os direitos reservados.

*Preparação*

Alexandre Boide

*Revisão*

Jane Pessoa

Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Packer, George

Desagregação : Por dentro de uma nova América / George  
Packer ; tradução Pedro Maia Soares. — 1ª ed. — São Paulo :  
Companhia das Letras, 2014.

Título original: The Unwinding : An Inner History of the  
New America.

ISBN 978-85-359-2458-9

1. Celebidades – Estados Unidos – Biografia 2. Crises – Esta-  
dos Unidos 3. Políticos – Estados Unidos – Biografia 4. Problemas  
sociais – Estados Unidos 5. Estados Unidos – Biografia 6. Estados  
Unidos – História 1969 7. Estados Unidos – Condições sociais –  
1980. 1. - Título.

---

14-04354

CDD-973

Índice para catálogo sistemático:

1. Estados Unidos : História 973

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

# Sumário

<i>Prólogo</i> .....	9
----------------------	---

## PARTE I

1978 .....	15
Dean Price .....	17
Guerra total: Newt Gingrich .....	27
Jeff Connaughton .....	36
1984 .....	47
Tammy Thomas .....	49
Dona do seu nariz: Oprah Winfrey .....	71
Jeff Connaughton .....	77
1987 .....	85
Artesão: Raymond Carver .....	87
Dean Price .....	93
Tammy Thomas .....	106
Mr. Sam: Sam Walton .....	118
1994 .....	125
Jeff Connaughton .....	127
Vale do Silício .....	139

1999 .....	157
Dean Price .....	159
Tammy Thomas .....	170
2003 .....	177
Homem instituição (1): Colin Powell .....	179
Jeff Connaughton .....	185

## PARTE II

Dean Price .....	197
A rainha do rabanete: Alice Waters .....	208
Tampa .....	214
Vale do Silício .....	236
2008 .....	245
Homem instituição (2): Robert Rubin .....	247
Jeff Connaughton .....	256
Tammy Thomas .....	261
Dean Price .....	271
Apenas negócios: Jay-Z .....	285
Tampa .....	294

## PARTE III

Jeff Connaughton .....	317
2010 .....	337
Jornalista cidadão: Andrew Breitbart .....	339
Tampa .....	346
Dean Price .....	359
Tammy Thomas .....	371
Tampa .....	379
Populista da pradaria: Elizabeth Warren .....	391
Wall Street .....	398
2012 .....	429
Vale do Silício .....	431
Jeff Connaughton .....	450
Tampa .....	452
Tammy Thomas .....	461
Dean Price .....	468
<i>Uma nota sobre as fontes</i> .....	487
<i>Agradecimentos</i> .....	493

## 1978\*

Quero ter uma conversa franca com vocês esta noite sobre o nosso mais grave problema nacional. Esse problema é a inflação... *vinte-vinte-vinte e quatro horas para passar/ eu quero ser sedado...* Devemos encarar um tempo de austeridade nacional. Escolhas difíceis são necessárias se quisermos evitar consequências que são ainda piores. Pretendo fazer essas escolhas difíceis... *nada para fazer nenhum lugar para ir ôô/ eu quero ser sedado...* Sete anos de faculdade pelo ralo. Poderia muito bem entrar para a porra dos Peace Corps... **CARTER SOFRE GRANDE DERROTA NAS LEIS DO CONSUMIDOR...** Não sei se o povo do vale do Mahoning percebe que o fechamento da usina Campbell Works, da Youngstown Sheet and Tube, afeta não somente os metalúrgicos e suas famílias, mas também a comunidade... **O PODER DE ATRAÇÃO DE NOSSAS MUITAS SEITAS...** Os membros da comunidade, a maioria deles com mais de cinquenta anos, sobreviviam com uma dieta escassa de arroz e feijão. Trabalhavam nos campos do amanhecer ao anoitecer, enquanto Jones pregava para eles, com palestras e sermões transmitidos por um sistema de alto-falantes... Que

\* Este capítulo, assim como todos os referentes a datas, é uma colagem de citações. No final do livro, em “Uma nota sobre as fontes”, o autor indica um site que traz a origem das citações. (N. T.)

homem poderia pagar por todas as coisas que uma mulher faz, quando ela é cozinheira, amante, motorista, enfermeira, babá? Mas, por causa de tudo isso, acho que as mulheres devem ter direitos iguais... **Infelizmente, a maioria dos cigarros com baixo teor de alcatrão não tinha gosto de nada. Então experimentei Vantage. Vantage me oferece o sabor que eu aprecio. E o baixo teor de alcatrão que eu estava procurando... OBSTRUÇÃO DERROTA LEI DE ORGANIZAÇÃO DOS SINDICATOS...** Os líderes da indústria, do comércio e das finanças dos Estados Unidos romperam e descartaram o frágil pacto tácito que existiu durante um período anterior de crescimento e progresso... **CARTAS DE AMOR A ELVIS Fãs abrem seus corações; Especial em cores: o dia em que a casa de Elvis tornou-se um santuário...** Poluição sonora numa favela de Nova York! Pessoas estão sendo assaltadas a torto e a direito, crianças estão sendo mordidas por ratos, drogados estão arrancando o encanamento de cortiços caindo aos pedaços — e a Agência de Proteção Ambiental está preocupada com a poluição sonora! Esses mesmos funcionários da agência, é claro, vão para casa à noite e observam tranquilamente seus filhos fazendo a lição de casa enquanto ouvem uma música ensurdecidora... **ELEITORES DA CALIFÓRNIA APROVAM UM PLANO PARA CORTAR 7 BILHÕES DO IMPOSTO SOBRE PROPRIEDADE** “Os funcionários públicos que vão para o inferno”, disse um homem quando saía de um local de votação num subúrbio de Los Angeles.

# Dean Price

Na virada do milênio, quando estava com trinta e tantos anos, Dean Price teve um sonho. Estava indo para a casa de seu pastor, caminhando por uma estrada pavimentada, e depois de uma curva ela virou uma estrada de terra, e com mais uma guinada se transformou em outra estrada de terra, uma trilha percorrida por rodas de carroções, mas o capim entre as trilhas ia até a altura do peito, como se ninguém passasse por ali fazia muito tempo. Dean caminhou por uma das trilhas com os braços abertos e sentiu o mato de ambos os lados batendo embaixo dos braços. Então ouviu uma voz que vinha de dentro, como um pensamento: “Quero que você volte para casa, e quero que pegue seu trator, e quero que volte aqui e limpe esta estrada, para que outros possam seguir por ela como antes. Você vai mostrar o caminho aos outros. Mas ele precisa ser limpo de novo”. Dean acordou às lágrimas. Durante toda a vida, vinha se perguntando por que fora posto no mundo, andando em círculos, como uma embarcação sem leme. Ele não sabia o que o sonho significava, mas acreditava que continha sua vocação, seu destino.

Na época, Dean havia acabado de entrar no negócio de lojas de conveniência, o que não era vocação nenhuma. Ainda demoraria cinco anos para que ele a encontrasse. Tinha a pele pálida e sardenta, cabelos pretos e olhos escuros que se estreitavam quando ele sorria ou soltava sua risada estridente. A cor de pele era

a mesma do pai, e a boa aparência foi herdada da mãe. Mascava tabaco Levi Garrett desde os doze anos de idade, e falava com a intensidade comedida de um defensor de uma causa que nunca deixou de ser um menino do campo. Seus modos eram gentis, respeitosos, com um refinamento que fazia os homens que bebiam vodca em copos de plástico no Moose Lodge local questionar se Dean podia ser chamado de caipira. Desde a infância, seu versículo favorito da Bíblia era Mateus 7,7: “Pedi e vos será dado; buscai e achareis; batei e vos será aberto”. O que ele procurou durante toda a vida foi independência — sobretudo financeira. Seus maiores temores, que o assombraram a vida toda, eram a pobreza e o fracasso, que vieram até ele, naturalmente.

Seus avós de ambos os lados da família tinham sido produtores de tabaco, assim como os avós deles e seus bisavós desde o século XVIII, todos nos mesmos poucos quilômetros quadrados do condado de Rockingham, na Carolina do Norte. Todos tinham nomes escoceses-irlandeses que se encaixavam sem dificuldades numa lápide: Price, Neal, Hall. E eram todos pobres. “Se eu preciso descer até o riacho, vou por uma trilha”, explicou Dean. “E todos os dias vou pelo mesmo caminho. Foi assim que, na prática, as estradas deste país foram construídas. As pessoas que construíram as estradas seguiam as trilhas dos animais. E, depois que a trilha está definida, é preciso uma grande quantidade de esforço e energia para tomar outro caminho. Você entra num padrão estabelecido de pensamento, e ele é transmitido de geração em geração em geração.”

Quando Dean era menino, o tabaco crescia de mourão a mourão. De abril a outubro, seu cheiro se espalhava por todo o condado de Rockingham. Ele foi criado em Madison, distante quarenta minutos de carro de Greensboro pela rodovia 220, e embora a família morasse na cidade, o menino passava a maior parte do tempo na fazenda de tabaco do avô, que se chamava Norfleet Price. Ele ganhou esse nome quando seu pai, o bisavô de Dean, levou uma carga de tabaco numa carroça puxada por dois cavalos até Winston-Salem, onde um homem com esse sobrenome ofereceu-lhe um preço muito bom. O pai de Dean nasceu nas terras da família, em um barracão de madeira com uma varanda na frente, na beira de uma clareira num bosque de árvores de madeira de lei. A poucos metros de distância ficava o celeiro do tabaco, uma cabana de troncos de carvalho ensamblados, que Norfleet construiu usando um machado. Durante a infância, nos últimos dias de verão, quando as folhas de tabaco eram cortadas e penduradas no celeiro para a cura em estufa, Dean implorava



para ficar lá durante a noite com o avô e acordar a cada uma ou duas horas para verificar se alguma folha tinha caído no fogo. O corte era um trabalho árduo, mas ele adorava o cheiro do tabaco, as grandes folhas amareladas que ficavam pesadas como couro em talos de mais de metro de altura, a maneira como suas mãos ficavam manchadas de preto com alcatrão pegajoso durante o corte, o ritmo de amarrar as folhas em feixes e pendurá-las, como linguado seco, pelos talos de tabaco em todo o teto do celeiro, a união da família. Os Price criavam o próprio gado de corte, cultivavam as verduras e os legumes que consumiam e conseguiam leite de uma vizinha que tinha uma vaca leiteira. A escola adia o começo das aulas se a safra atrasava e, no início do outono, as casas de leilão de Madison se enchiam de vida com a festa da colheita e os desfiles de bandas, uma celebração para as famílias que ganharam o sustento para o ano, precedendo as festas de fim de ano. Dean pensava que quando crescesse se tornaria um plantador de tabaco e criaria os filhos da mesma maneira.

O melhor amigo de Dean era seu avô. Norfleet Price cortou lenha até o outono anterior à sua morte, aos 89 anos, em 2001. Perto do fim, Dean visitou-o na casa de repouso e o encontrou amarrado a uma cadeira de rodas. “Garoto, você tem um canivete?”, perguntou o avô.

“Vô, não posso fazer isso.”

Norfleet queria ser solto da cadeira de rodas. Ele durou apenas um mês e meio na casa de repouso. Foi enterrado no jazigo da família Price, numa elevação suave nos campos de barro vermelho. Norfleet sempre mantivera dois ou três empregos ao mesmo tempo para ficar longe da esposa, mas o nome de Ruth foi esculpido ao lado do dele na mesma lápide, esperando pelo corpo e pela data da morte.

O pai de Dean teve uma chance de quebrar o feitiço da mentalidade de pobreza da família. Harold Dean Price, apelidado de Pete, era inteligente e gostava de ler. Três páginas em branco no final de seu dicionário *Merriam-Webster* estavam cheias de anotações com a definição de palavras como “obtusos”, “obviar”, “transpontino”, “miscigenação”, “simulacro”, “pejorativo”. Era bom de papo, um fervoroso batista ortodoxo e um racista encarniçado. Certa vez, Dean visitou o museu dos direitos civis no antigo prédio da Woolworth, no centro de Greensboro, onde ocorreram os primeiros *sit-ins* no balcão da lanchonete, em 1960. Havia uma foto ampliada dos quatro estudantes negros

da North Carolina A&T saindo para a rua e passando por uma multidão de jovens brancos que os encaravam — entusiastas de carros envenenados com as mãos nos bolsos, camisetas e jeans com a barra dobrada para cima, cabelo penteado para trás, cigarros pendurados em bocas iradas. Aquilo era o pai de Dean. Ele odiava a atitude de desacato do pessoal dos direitos civis, embora nunca tenha se sentido assim em relação a Charlie e Adele Smith, os arrendatários negros das terras dos Price, que cuidavam dele quando a avó de Dean estava trabalhando no moinho. Eram bondosos e bem-humorados, e sabiam qual era o lugar deles no esquema das coisas.

Pete Price conheceu Barbara Neal em um salão de dança da cidade e se casou com ela em 1961, ano em que se formou no Western Carolina College, sendo a primeira pessoa da família a chegar tão longe. Harold Dean Price II nasceu em 1963, seguido por três irmãs. A família se mudou para uma pequena casa de alvenaria em Madison, perto do depósito de tabaco Sharp and Smith. Madison e sua vizinha Mayodan eram cidades têxteis e, nos anos 1960 e 1970, as fábricas ofereciam emprego para qualquer jovem que sáísse do ensino médio e quisesse trabalhar, e se tivesse um diploma universitário, podia escolher o que quisesse fazer. As lojas da Main Street — farmácias, armarinhos, lojas de móveis e lanchonetes — estavam sempre cheias de clientes, especialmente nos dias em que os empórios de tecidos faziam suas liquidações. “Acho que nosso país prosperou naquela época como nunca mais vai prosperar”, disse Dean. “Eles tinham energia barata, tinham petróleo no chão, tinham fazendas funcionando no campo, tinham gente que gostava de trabalhar, que sabia o significado do trabalho. Havia dinheiro para ganhar.”

O pai de Dean foi trabalhar na grande fábrica de nylon da DuPont, em Martinsville, do outro lado da fronteira estadual com a Virgínia. No final dos anos 1960, ele caiu na versão da época do conto do vendedor de óleo de cobra, difundida por Glenn W. Turner, o filho semianalfabeto de um meeiro da Carolina do Sul, que usava ternos reluzentes de três peças e botas de pelica e falava com o ceceio de um lábio leporino. Em 1967, Turner abriu uma empresa, a Koscot Interplanetary, que vendia concessões de distribuição de cosméticos a 5 mil dólares cada, com a promessa de taxa de corretagem para cada novo subfranqueado que o distribuidor conseguisse. Seus seguidores também foram convencidos a comprar uma pasta preta cheia de fitas cassete motivacionais de Glenn W. Turner, intituladas Ouse Ser Grande, que custavam até 5 mil dóla-

res, com a promessa semelhante de enriquecer comercializando os direitos de vender o programa. Price pagou por uma franquia e promovia festas com o tema Ouse Ser Grande em sua casa em Madison: projetava um filme sobre a história de vida de Turner, uma narrativa do tipo “dos trapos à riqueza”, e depois distribuía folhetos que proclamavam frases de Turner sobre ficar na ponta dos pés e buscar as estrelas. Em 1971, o programa Ouse Ser Grande já havia invadido os bairros operários de todo o país, e a revista *Life* publicou o perfil de Turner. Depois disso, ele foi investigado por montar um esquema de pirâmide financeira e acabou cumprindo cinco anos de prisão — e os Price perderam seu dinheiro.

No início da década de 1970, Pete Price conseguiu um emprego de supervisor na central elétrica Duke Energy, em Belews Creek. Em seguida, foi vice-presidente da Gem-Dandy, em Madison, que produzia acessórios masculinos, como suspensórios para meias. Mais tarde, foi supervisor de turno na olaria Pine Hall, junto ao rio Dan, perto de Mayodan. No entanto, sempre acabava demitido por um chefe que considerava menos inteligente do que ele, ou, o que acontecia com mais frequência, pedia demissão. Largar o emprego tornou-se um hábito, “como um vício em suas calças”, contou Dean. “Depois que o vício está lá, é praticamente impossível tirá-lo. Assim era o fracasso para ele, e não havia como se livrar disso. Ele pensava, respirava, vivia o fracasso.” O vício começou na fazenda de tabaco dos Price, onde o pai de Dean recebeu uma porção de terra que não tinha acesso para a estrada. Os tios de Dean acabaram se saindo muito melhor na agricultura. Além disso, seu porte físico não era dos mais imponentes — tinha 1,70 metro de altura —, e o fato de ter perdido os cabelos muito cedo também não ajudava. Mas o maior fracasso aconteceu no trabalho, que tanto significava para Pete Price.

Décadas mais tarde, Dean ainda tinha uma foto em preto e branco emoldurada sobre a cornija da lareira. Um menino de cabelo preto e brilhante cortado em forma de tigela acima dos olhos, vestido com um terno escuro de calças estreitas, curtas demais para ele, apertando os olhos por causa da luz do sol e abraçando uma Bíblia contra o peito, como se quisesse se proteger. Ao lado dele está uma menina com um vestido de gola rendada. A foto datava de 6 de abril de 1971. Faltavam poucas semanas para Dean completar oito anos, e ele estava prestes a oferecer sua vida a Jesus e ser salvo. Durante a década de 1970, o pai de Dean teve uma série de pequenas igrejas em cidadezinhas do

interior, mas seu dogmatismo e sua rigidez sempre provocavam um racha na congregação. Em todas as ocasiões, os membros da igreja votavam para saber se o manteriam como seu pregador; às vezes votavam a seu favor, às vezes contra, mas ele sempre acabava indo embora (pois ficava inquieto, queria ser um Jerry Falwell e liderar uma igreja que tivesse milhares de membros), carregando consigo todo tipo de ressentimentos. Por fim, passou a ter dificuldades para conseguir outra igreja. Visitava uma nova cidade, se candidatava ao posto pregando um sermão, sempre fogo e enxofre, e era rejeitado. Havia uma congregação em particular, a Igreja Batista Davidson Memorial, no condado de Cleveland, que ele queria muito, e depois de não conseguir aquele púlpito nunca mais se recuperou.

Do pai, Dean herdou a ambição e o amor pela leitura. Leu de cabo a rabo a coleção de enciclopédias World Book da família. Uma noite, durante o jantar, quando tinha cerca de nove ou dez anos, surgiu o tema de suas ambições para o futuro. “Bem, o que você quer ser?”, o pai perguntou, com um sorriso de escárnio.

“Eu gostaria de ser um neurocirurgião, um neurologista”, disse Dean. Era uma palavra que ele havia aprendido na enciclopédia. “Isso é realmente o que eu acho que gostaria de fazer.”

O pai riu na cara dele. “Você tem tanta chance de ser um neurologista quanto eu tenho de ir à Lua.”

O pai de Dean era capaz de ser engraçado e bondoso, mas não com o filho, que o detestava por não ser persistente e por ser cruel. Ele ouviu seu pai pregar muitos sermões, até mesmo nas esquinas de Madison, porém no fundo não acreditava neles, porque a maldade e as surras em casa faziam do pai um hipócrita no púlpito. Quando menino, Dean adorava beisebol mais do que qualquer outra coisa. Na sétima série, sentia-se intimidado pelas meninas e, com apenas quarenta quilos, era magro demais para jogar futebol americano, mas foi um bom interbases na Madison-Mayodan Middle School. Em 1976, havia meninos negros e brancos no time de beisebol, e seu pai não o queria misturado com os negros. Para afastá-lo deles, e para ganhar pontos com sua congregação do momento, o pai o tirou da escola pública (apesar de Dean ter implorado que não fizesse isso) e o mandou para a Gospel Light Christian, uma escola batista fundamentalista independente, só para brancos, em Walkertown, distante duas horas de ônibus do presbitério de Mayodan Moun-

tain, onde a família morava na época. Foi o fim da carreira de Dean no beisebol e de suas amizades com negros. Quando Dean estava no primeiro ano do ensino médio, seu pai começou a lecionar história americana e bíblica na Gospel Light, e não teria sido um problema para ele deixar Dean jogar beisebol depois das aulas e levar o menino de carro para casa no fim do dia, mas Pete fazia questão de sair da escola às três horas e ir para casa ler em seu escritório. Era como se Dean fosse um rival dentro da família, e seu pai estava no controle e não cederia um centímetro.

Quando Dean estava com dezessete anos, o pai largou a igreja de Mayodan Mountain e levou a família para a parte leste do estado, perto de Greenville, onde assumiu o púlpito de uma pequena igreja na cidade de Ayden. Foi a última. Depois de quatro meses por lá, o pastor Price foi mandado embora e a família voltou para o condado de Rockingham. Estavam com pouquíssimo dinheiro e se mudaram para a casa da família da mãe de Dean, na rodovia 220, nos arredores da pequena cidade de Stokesdale, a poucos quilômetros ao sul de Madison. Ollie Neal, a avó de Dean, morava em um apartamento construído nos fundos, e atrás da casa ficava a fazenda de tabaco que seu avô, Birch Neal, ganhara em um jogo de cartas em 1932, quando a rodovia 220 era uma estrada de terra.

Aquela altura, a única coisa que Dean queria era escapar do domínio do pai. Quando completou dezoito anos, foi a Winston-Salem e se encontrou com um recrutador da Marinha. Deveria voltar na manhã seguinte para se alistar, mas durante a noite mudou de ideia. Queria ver o mundo e viver a vida em sua plenitude, porém faria isso por conta própria.

Em 1981, quando Dean se formou no ensino médio, o melhor emprego na região era fazer cigarros nas enormes fábricas da R. J. Reynolds, em Winston-Salem. Quem conseguisse emprego lá estava feito para o resto da vida, com um bom salário, benefícios e mais dois pacotes de cigarros por semana. Era onde iam parar os alunos nota B. Os alunos nota C e D iam trabalhar nas indústrias têxteis, onde o salário era inferior — DuPont e Tultex em Martinsville, Dan River em Danville, Cone em Greensboro, ou uma das menores, nos arredores de Madison —, ou nas fábricas de móveis em High Point, Martinsville e Bassett, na Virgínia. Os alunos nota A — três em sua turma — iam para a faculdade. (Trinta anos mais tarde, num encontro de ex-alunos de sua escola, Dean descobriu que seus colegas estavam gordos, trabalhando no controle

de pragas ou vendendo camisetas em parques de diversões. Um deles, funcionário de carreira na R. J. Reynolds, perdera um emprego que julgava seguro e nunca superou o trauma.)

Dean nunca foi um aluno aplicado e, no verão seguinte à formatura, conseguiu um emprego no departamento de expedição de uma fábrica de tubos de cobre em Madison. Ganhava um dinheiro muito bom para 1981, mas era o tipo de trabalho em que ele sempre temera acabar — cercado de infelizes sem ambição, que passavam os dias falando de bebidas, corridas e trepadas. Dean odiava tanto aquilo que decidiu ir para a faculdade.

O pai só o ajudaria a pagar os estudos se ele fosse para a Bob Jones University, uma instituição de ensino de orientação bíblica na Carolina do Sul. A Bob Jones proibia o namoro e o casamento inter-racial, e no início de 1982, poucos meses depois que Dean se matriculou, tornou-se notícia nacional quando o governo Reagan desafiou uma decisão do fisco que havia negado isenção fiscal à universidade. Após uma tempestade de críticas, Reagan recuou. De acordo com Dean, a Bob Jones era a única faculdade do mundo em que o arame farpado ao redor do campus estava voltado para dentro, não para fora, como numa prisão. Os garotos tinham de manter os cabelos acima das orelhas, e a comunicação com as meninas do outro lado do campus só era possível por meio de bilhetes. Eles deviam ser depositados em uma caixa que um mensageiro levava de dormitório em dormitório. A única coisa de que Dean gostava na Bob Jones era cantar hinos antigos de manhã na capela, como “Louvado seja Deus, de quem vêm todas as bênçãos”. Ele parou de frequentar as aulas e foi reprovado em todos os cursos no primeiro semestre.

No Natal, voltou e disse ao pai que estava largando a faculdade e ia sair de casa. Pete deu-lhe um tremendo tapa que o derrubou no chão. Dean levantou-se e disse: “Se encostar em mim de novo, eu juro que te mato”. Foi a última vez que morou sob o mesmo teto que o pai.

Depois que Dean se mudou, seu pai entrou numa espiral descendente. Tomava analgésicos opiáceos aos montes, para dor nas costas, dores de cabeça e outros males reais ou inventados, receitados por uma dúzia de médicos diferentes que não sabiam que ele já tinha outras receitas. A mãe de Dean achava comprimidos escondidos nos bolsos do terno, guardados em sacos de lixo. Eles renderam a seu pai um olhar vago e um desgaste nas paredes do estômago. Ele se enfiava no escritório como se fosse ler um de seus livros religiosos,

mas tomava seus comprimidos e se desligava. Pete foi internado como dependente químico várias vezes.

Sozinho no mundo, Dean desvairou-se. Logo descobriu os prazeres do álcool, dos jogos de azar, da maconha, das brigas, das mulheres. Sua primeira garota era filha de um pastor, e ele perdeu a virgindade embaixo do piano da igreja. Estava todo rebelde e não queria saber do Deus de seu pai. “Eu era um merdinha”, disse Dean. “Não tinha respeito por ninguém.” Mudou-se para Greensboro e dividia uma casa com um maconheiro. Durante algum tempo, foi instrutor assistente de golfe no Country Club de Greensboro, ganhando 120 dólares por semana. Em 1983, com vinte anos, decidiu voltar para a faculdade e se matriculou na universidade estadual de Greensboro. Foram seis anos trabalhando como barman até se formar — a certa altura, interrompeu os estudos a fim de fazer uma viagem de cinco meses com seu melhor amigo, Chris, para a Califórnia, onde moravam numa Kombi e passavam o tempo todo atrás de garotas e diversão —, mas em 1989 ele finalmente obteve seu diploma em ciência política.

Dean era republicano de carteirinha, e Reagan era seu ídolo. Para ele, Reagan equivalia à figura tranquilizadora de um avô: tinha a habilidade de se comunicar e inspirar as pessoas, como quando mencionou “uma cidade edificada sobre um monte”. Era uma coisa que Dean achava que também poderia fazer, já que era um bom orador e vinha de uma família de pastores. Quando Reagan falava, despertava confiança, transmitia a esperança de que os Estados Unidos poderiam ser grandes outra vez. Foi o único político que fez Dean querer se tornar um — ideia abandonada quando foi detido por fumar maconha na escadaria de um prédio do campus e preso poucos dias depois por dirigir sob efeito da erva.

Ele prometera a si mesmo que viajaria pelo mundo e, depois de formado, vagou pela Europa por alguns meses, dormindo em albergues e, às vezes, em bancos de praça. Mas ainda era ambicioso — “insanamente ambicioso”, como gostava de dizer. Quando voltou para casa, decidiu procurar o melhor emprego na melhor empresa que pudesse encontrar.

Em sua cabeça, essa empresa sempre tinha sido a Johnson & Johnson, em Nova Jersey. Os empregados da Johnson & Johnson usavam ternos azuis, eram limpos, articulados, bem pagos, andavam em carros da empresa e tinham seguro-saúde. Dean mudou-se para a Filadélfia com uma namorada e tratou de

encontrar alguém que trabalhasse na empresa. Seu primeiro contato foi com um sujeito de cabelos loiros perfeitamente penteados, de terno azul de anarruga, sapatos brancos e gravata borboleta — a roupa mais elegante que Dean já tinha visto. Ligou para o escritório da empresa quase todos os dias da semana, fez sete ou oito entrevistas, passou um ano tentando conseguir um emprego e, em 1991, a Johnson & Johnson finalmente cedeu e fez dele representante farmacêutico em Harrisburg. Dean comprou um terno azul, cortou o cabelo bem curto e tentou perder o sotaque sulista, que achava que seria malvisto. Deram-lhe um pager e um computador, e ele circulava com um carro da empresa, indo de consultório em consultório, às vezes oito por dia, com amostras de medicamentos, explicando os benefícios e os efeitos colaterais.

Não demorou muito para perceber que detestava o trabalho. No final do dia, tinha de apresentar um relatório para a firma sobre cada parada que fizera. Ele era um robô, um número, e a empresa era o Big Brother, sempre de olho nele. Qualquer iniciativa pessoal não era vista com bons olhos se não se encaixasse no padrão Johnson & Johnson. Após oito meses, menos tempo do que ele passara tentando obter o cargo, Dean largou o emprego.

Tinha caído num engodo: vá para a faculdade, obtenha uma boa formação, consiga um emprego numa das quinhentas empresas da lista da *Fortune* e será feliz. Ele fizera tudo isso e se sentia infeliz. Saíra da casa do pai e no fim só o que encontrou foi outro tipo de servidão. Decidiu começar tudo de novo e fazer as coisas à sua maneira. Seria um empresário.